

Lisboa, 7 Julho de 2017

## Mapa Mundial de Risco País e de Risco Sectorial

**O segundo trimestre de 2017 assinala o recomeço para a Europa e a Rússia, e, no que se refere a sectores de actividade, para os sectores Automóvel e Agro-alimentar em vários países.**

**De modo a disponibilizar às empresas, uma perspectiva mais completa sobre os Riscos ao nível mundial, a Coface publica trimestralmente as avaliações sobre 23 sectores em 24 países, que representam quase 85% do PIB mundial, para além de 160 avaliações de Risco País.**

### **A Europa está a recuperar, reflectindo-se positivamente nas avaliações em alguns países**

Os sinais contraditórios da economia dos Estados Unidos (A2, Risco Baixo), em conjunto com a falta de clareza em relação à questão do pacote de estímulos fiscais, podem ser considerados sinais de alerta. Apesar do aumento no PIB durante o 1º Trimestre (uma subida de 0,7% para 1,2%) e da taxa de desemprego se encontrar no nível mais baixo dos últimos dezasseis anos, o consumo das famílias continua hesitante. Para além disso, o crescimento do crédito irá certamente abrandar, como consequência da já aguardada subida das taxas de juro.

**O Sector energético dos Estados Unidos** encontra-se em recuperação e a sua avaliação foi melhorado para “risco elevado”. A produção de crude e o crescimento das indústrias de serviços on shore, ligadas às indústrias de produção petrolífera, vão continuar a aumentar, como consequência da flexibilização da regulamentação.

A Zona Euro encontra-se numa conjuntura positiva, a disfrutar de condições de financiamento muito favoráveis de apoio ao investimento e no retomar da confiança das empresas. O número de insolvências encontra-se em redução em quase todos os países – Excepção feita para o Reino Unido (enfraquecido pelo abrandamento no consumo) e para a Bélgica (o quarto maior parceiro de negócios da Zona Euro). Nestes dois países, de acordo com as previsões da Coface, é expectável um aumento nas insolvências de +9% e +5%, respectivamente, em 2017.

A Coface melhorou as avaliações de **Espanha** (onde o crescimento e o comércio externo estão particularmente dinâmicos) para A2, e de **Portugal** (que conseguiu sair do procedimento por défice excessivo, imposto pela Comissão Europeia) para A3.

Vários sectores seguem esta tendência positiva. **O sector Agro-alimentar, a nível regional na Europa Ocidental e em França**, está agora classificado como “risco médio”, em resultado do aumento do preço das matérias-primas e das consequências desastrosas das condições climáticas nas colheitas. **O sector Metalúrgico na Alemanha** foi também classificado como “risco médio”, devido à estabilização dos preços e às dinâmicas positivas nos seus mercados chave. **O sector Automóvel em Itália** está agora classificado como “risco baixo”.

A **Europa Central** continua a beneficiar de uma melhoria na sua avaliação. Neste trimestre, o sector **farmacêutico** encontra-se classificado como “risco baixo”, devido ao aumento da procura interna e externa. O sector **energético** melhorou a sua classificação para “risco médio”, tanto a nível regional como na **Polónia**, impulsionado pelo elevado grau de rentabilidade das refinarias e a antecipação de um aumento na procura. O sector **Metalúrgico** encontra-se classificado como “risco médio” a nível regional e na Polónia, graças aos novos investimentos em infra-estruturas e ao ressurgimento do sector automóvel.

#### **Desempenhos distintos nos países emergentes, incluindo Rússia, China e Índia**

Observa-se uma ligeira recuperação na **Rússia**, onde a avaliação global do país foi melhorada para **B**. O investimento e a produção industrial encontram-se em crescimento e as vendas a retalho travaram a sua queda, em resultado do controlo da inflação (perto dos 4%). As vendas de **automóveis** aumentaram (+11% em 2017), permitindo à indústria uma revisão em alta da sua avaliação de “risco muito elevado” para “risco elevado”. O **Uzbequistão** (actualmente C) foi especialmente beneficiado pela recuperação da actividade na Rússia, bem como pelo financiamento proveniente do Banco Mundial e do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BERD), para além de algum alívio no que respeita às incertezas políticas.

A situação na **Asia emergente** é mais incerta. Na **China** (cuja avaliação foi revista em baixa para B “risco significativo”, em Junho de 2016), os indicadores regressaram ao vermelho. A economia do país encontra-se em abrandamento e o risco de insolvências aumentou, em consequência das condições de crédito mais restritivas. A avaliação do **sector Automóvel**, em particular, (a nível regional, bem como na China) foi também revista em baixa, para “risco elevado”, devido à imposição drástica de medidas restritivas no que respeita a veículos de combustão interna. Apesar do declínio nas vendas de automóveis, o sector do **Retalho** está a beneficiar de uma forte procura, tal facto levou a uma melhoria para o nível “risco baixo”. Na **Índia**, a melhoria na avaliação do sector Agro-alimentar (“risco médio”) é explicado pelo retorno à normalidade das condições climáticas.

#### **Aumento do Risco no Médio Oriente e em África.**

O Médio Oriente e África são as regiões onde as avaliações dos países mostraram uma tendência mais acentuada para o declínio desde 2014-15. Isto acontece devido ao aumento

das tensões políticas e à queda dos preços do Petróleo e do Gás. Neste trimestre, a Coface reduziu a avaliação de vários países. O **Qatar** (actualmente A4) foi alvo de medidas por parte de outros países do Golfo Pérsico e encontra-se em risco de ver a sua situação financeira e crescimento económico deteriorarem. O **Bahrain** (actualmente C) terá de lidar com um orçamento altamente deficitário e uma dívida excessiva. A previsão deste ano para a **Namíbia** (actualmente B) é fraca apesar de uma recuperação no sector mineiro. As **Ilhas Maurícias** (actualmente A4) receberam avaliações baixas nas instituições internacionais de referência no que diz respeito ao ambiente económico.

Os Riscos também se encontram a aumentar, como é evidente pelo deterioramento da avaliação da **indústria farmacêutica para “risco médio” nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita**, devido aos cortes nas despesas públicas.

---

**A Avaliação de Risco País da Coface (160 países)** é feita numa escala de oito níveis, por ordem ascendente de risco: A1 (risco muito baixo), A2 (risco baixo), A3 (risco bastante aceitável), A4 (risco aceitável), B (risco significativo), C (risco elevado), D (risco muito elevado) e E (risco extremo).

**A Avaliação de Risco Sectorial da Coface (13 sectores em 6 regiões geográficas, 24 países que representam quase 85% do PIB mundial)** é feita numa escala de quatro níveis: risco baixo, risco médio, risco elevado e risco muito elevado.

### PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Cláudia MOUSINHO - 211 545 408 | [claudia.mousinho@coface.com](mailto:claudia.mousinho@coface.com)

#### Sobre a Coface:

A Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece a 50.000 empresas em todo o mundo soluções globais para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no Mercado doméstico como na exportação. O Grupo, que pretende ser a seguradora de crédito global mais ágil da indústria, está presente em 100 países, emprega 4.300 colaboradores e registou um volume de negócios consolidado de €1.411 mil milhões em 2016. A Coface publica trimestralmente as suas avaliações de risco país para 160 países, com base no seu conhecimento aprofundado do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 660 analistas de risco e analistas de crédito, próximos quer dos clientes quer dos seus compradores.

[www.coface.pt](http://www.coface.pt)



Coface SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A  
ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA